



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/relacoes-sociedade-natureza>

Relações sociedade-natureza nas obras *O som do rugido da onça* e *O abraço da serpente*

Vinicus Augusto da Silva Vasconcelos Nunes[1]

Vatsi Meneghel Danilevicz[2]

Christiana Cabicieri Profice[3]

RESUMO: O presente ensaio pretende analisar relação sociedade-natureza a partir das obras *O som do rugido da onça*, romance de autoria de Micheline Verunsch, e o filme *O abraço da serpente*, dirigido por Ciro Guerra, indicado ao Oscar de melhor filme estrangeiro no ano seguinte ao seu lançamento, em 2016. O processo genocida sofrido pelos povos indígenas foi condutor não apenas da perda de identidade étnica, mas também forçou a desconexão e o abandono da natureza. De maneira muito sensível, as obras nos provocam a refletir sobre os problemas socioambientais enfrentados na contemporaneidade contextualizados às raízes do passado, ancorados nos signos de dominação e, concomitantemente, subversão que os povos e culturas originários foram submetidos, ontem rios, hoje ruas. A arte possibilita contar histórias com recursos polissêmicos que convocam o interlocutor a mergulhar na viagem. Dentro dessas histórias ficcionadas de Iñe-e, Juri e Martius, e de Karamakate, Manduca, Martius e Evans, sob o mesmo plano de fundo, percebemos a denúncia da exploração de povos indígenas da Amazônia pelo homem branco colonizador.

PALAVRAS-CHAVE: Povos indígenas. Mudanças climáticas. Relações sociedade-natureza.

Society-nature relations in the works *O som do rugido da onça* and *O abraço da serpente*



ABSTRACT: This essay aims to analyze the society-nature relationship based on the works *O som do rugido da onça*, a novel by Micheliny Verunschck, and the film *O abraço da serpente*, directed by Ciro Guerra, nominated for an Oscar for best foreign film in the year following its release, in 2016. The genocidal process suffered by indigenous peoples was a driver not only of the loss of ethnic identity, but also forced disconnection and abandonment from nature. In a very sensitive way, the works provoke us to reflect on the socio-environmental problems faced in contemporaneity, contextualized by the roots of the past, anchored in the signs of domination and, concomitantly, subversion that indigenous peoples and cultures have been subjected to, once rivers, now streets. Art makes it possible to tell stories with polysemic resources that invite the interlocutor to immerse themselves in the journey. Within these fictional stories of Iñe-e, Juri and Martius, and Karamakate, Manduca, Martius and Evans, under the same background, we see the denunciation of the exploitation of indigenous peoples in the Amazon by the colonizing white man.

KEYWORDS: Indigenous peoples. Climate changes. Society-nature relations.

Introdução

“Uma pessoa sabe que está morta quando não consegue mais escutar a voz
dos animais, dos espíritos, das árvores, dos rios”
(Verunschck, 2021, p. 29)

Esse ensaio visa abordar as relações sociedade-natureza a partir de análises de trechos do romance *O som do rugido da onça* e do filme *O abraço da serpente*. Em vias de melhor contextualizar a abordagem utilizada no trabalho, é imprescindível que o leitor compreenda os impactos das mudanças climáticas sobre os povos indígenas que vivem na floresta como resultado de ações sistêmicas degradatórias que se prolongaram no tempo. Assim como faz-se necessária uma breve



introdução sobre os personagens, iniciando pelo romance, *O som do rugido da onça*, temos Iñe-e, adolescente indígena da tribo Miranha que foi doada para o cientista Martius, assim como o menino Juri, jovem indígena que fora escravizado após perder batalha contra a tribo Miranha, Martius, cientista alemão que junto com Spix, realizam pesquisas com povos amazônicos e decidiram mostrar à Europa dois “bons selvagens” (Verunsch, 2021, p. 74). Sobre essas obras, elas estarão presentes ao longo do ensaio em trechos e nos títulos das seções, ou mesmo do trabalho em si: “As ruas querendo voltar a ser rio” (Verunsch, 2021, p. 14).

No filme, temos Karamakate, um indígena pajé, último sobrevivente de sua tribo após invasão na Amazônia colombiana, vivendo isolado e sem contato com demais indígenas, em momentos ele se autodenomina um “chullachaqui”, espécie de demônio/espírito ruim; o outro indígena apresentado é Manduca, que fora escravizado para extração de látex, porém teve a sua liberdade comprada por Martius, passando a trabalhar como seu assistente pela Amazônia; Martius, personagem inspirado nos diários do etnologista alemão Theodor Koch-Grunberg, que já é introduzido como uma figura fraca, doente, precisando da ajuda do pajé para encontrar a planta yakruna, capaz de reabilitar sua saúde; o outro personagem é o cientista americano, Evans, também inspirado em um cientista real, Richard Evan Schultes, que busca auxílio de Karamakate para encontrar a mesma planta requisitada no passado, pois ela é a única que o poderá fazer sonhar. O objetivo do ensaio é tecer uma breve análise sobre a interação sociedade-natureza evidenciada em algumas passagens das obras, ressaltando a importância de perceber como tais conexões se estabelecem a partir do advento da colonização e como influenciaram os processos de construção de imaginários sobre o indígena.

(des)envolvimento

“O mundo é esse ser gigante que mal distinguimos se estamos distraídos, mas que se apurarmos a vista encontraremos em seus detalhes. (...) Em seus cabelos se emaranham de igual modo os fios de fogo, de água, de vento e de ar. Em seu rosto se incrustam (...) os animais sem nome, ainda não descobertos, não catalogados, sem taxonomia, os animais desaparecidos” (Verunsch, 2021, p. 3)



As obras aqui utilizadas possuem um começo semelhante: a introdução (ou intromissão) do homem branco colonizador em um território indígena para dali extrair tudo que for possível. No livro, com a entrega de crianças indígenas para serem exibidas na Europa. No filme, com o desesperado pedido de socorro e a busca pela planta salvadora. A partir de então os enredos são desenvolvidos, sempre abordando a aflição e desconfiança dos indígenas sobre as ações e motivações dos homens brancos. As duas histórias possuem uma personagem comum, presente em todas as cenas: a natureza. No filme, ela é representada a todo tempo pela floresta, presente, triste, resistindo à passagem do tempo, ela muda, mas não se ausenta. Interage de forma viva e influente na trama, conduzindo o espectador, inclusive, a pensar se ela é a serpente, presente, ostensiva, que a todos circunda e envolve, abraçando as demais personagens.

É através da conexão com a natureza que o homem branco vem ao encontro do indígena em busca da *yakruna*, para se curar, poder sonhar, se desenvolver. Parte de um princípio antropocentrista, com sentido deturpado, utilitarista: sem o que a natureza oferece não é possível que se curem, se desenvolvam, nem sonhem. O filme retrata a floresta de maneira notória, presente em todas as cenas, transições e diálogos vividos pelos personagens, provocando o espectador a captar o que só pode ser visto nas entrelinhas; nós precisamos dela para viver, afinal, somos as florestas, os animais, as árvores, os rios.

No romance, a natureza é exibida em cada fração do pensamento de Iñe-e, destacando para o leitor o seu caráter relacional interdependente, como uma parte do seu corpo, físico e espiritual, parte essa que mesmo distante ainda era possível se conectar, ver-se perto (ou parte?). Um excerto que mostra essa conexão profunda das florestas com a vida é o seguinte:

A voz da árvore tem semelhança com a voz da nuvem, e a voz da pedra é em igual tom ao da voz dos espíritos, uma fala muito clara e cortante. Só quem está vivo consegue escutar a voz do mundo, entender sua linguagem, seu rumor, os ermos e luminescências de suas palavras, e por estar vivo é que consegue responder (Verunschik, 2021, p. 25).

Destaca-se também outra passagem que retrata o trânsito pela Europa, já sem esperança de ligar-se com a natureza conhecida, Iñe-e conversa com um Rio, e ouvindo, ela aprende sobre as histórias



daquelas águas, que testemunhou desde que o homem branco se instalou em suas margens. Nas suas palavras:

Pode me chamar de rio, odo, Fluss, river, rivière, flumine, fluxo de água rasgando a terra como a trajetória de sangue em um corpo animal. Pode me chamar de água. E água é tudo e está em tudo que compõe este mundo. (...) Os rios são assim, sabem de tudo, e não silenciam por muito tempo (Verunschck, 2021, p. 37-38).

Ainda sobre a potência viva dos rios e suas linguagens, em meio às tempestades citadinas, comenta: “São as ruas querendo voltar a ser rio” (Verunschck, 2021, p. 14). E segue, em outro momento do texto: “A terra sempre vomita o que lhe faz mal. Também os rios, especialmente aqueles a que se faz engolir a pulso a doença ou o veneno. Do mesmo modo o ar, os oceanos” (p. 61).

O conhecimento gerado através da observação dos ciclos da natureza, na cosmovisão originária, com respeito e paciência, também foi utilizado pela Rio, um espírito feminino, para entender os homens brancos e transmitir a *lñe-e*, mostrando e preparando-a para o que estava por vir, assim como a floresta mostra para Karamakate onde há perigo, quando se pode pescar, onde se deve comer, a Rio ensinou a *lñe-e* sobre os brancos: “Os rios são assim, sabem de tudo, e não silenciam por muito tempo. (...). Parecia haver um propósito no rumor de suas águas” (Verunschck, 2021, p. 38). O rio lembrava que cada construção ali fora erguida sobre sangue inocente.

A Rio lembra, seja no novo ou velho mundo, onde o homem branco toca, ele se retrai, mas tal qual encantado que é, com o tempo, volta, descontraí e inunda. Aqui falamos da maior seca testemunhada na Amazônia brasileira, efeito condensado do El Niño, desmatamento, queimadas (De Oliveira et al., 2023; Silva et al., 2022). A Rio seca embaixo e em cima, ora sem mata, sem floresta, como os rios voadores chegarão ao Centro-Oeste? Como choverão as águas que irrigam as plantações de grãos? Primeiro o homem branco toca e leva *lñe-e*, agora ele toca e leva a água?

Além da marcante presença da floresta, outra personagem também representa a natureza, que se exhibe em algumas cenas do filme, a Onça Grande, Tipai uu. Essa personagem é onisciente, é a guia dos encantados, dos indígenas quando morrem, não morrem, encantam, seus espíritos assumem outras formas para expressar a subjetividade que ainda precisa de vazão no mundo material. É o



que acontece com Iñe-e, que desde pequena já possuía ligação com a Onça, e ao encantar, saiu com ela mundo a fora, rompendo barreira de tempo e espaço, assumindo forma de onça, pintada, negra, ou branca, auxiliando na defesa da natureza e buscando justiça para os seus.

A catequização sofrida pelos povos amazônicos, forte promotora do processo de etnogenocídio sofrido por povos indígenas não deixou de ser abordada nas obras, cujos trechos, com destaque maior para o filme, apresentam ao espectador a angústia física e psicológica a que foram submetidos.

Na película, cenas fortes são apresentadas em um momento do passado, quando Karamakate, Martius e Manduca aportam em busca de mantimentos, encontrando uma espécie de templo, com um padre catequizador e crianças indígenas proibidas de falar em suas línguas nativas sob o risco de punições com açoites. A passagem é regada de tensão cujo ápice se dá com a revolta de Manduca que ao testemunhar uma criança sendo castigada, a livra do padre e, em luta corporal o mata. Eles libertam algumas crianças e fogem, contudo, a ação não foi eficaz para frear o etnogenocídio indígena (Núñez, 2022).

No presente, Karamakate passa pelo mesmo local, agora já na companhia de Evans, e encontra uma cena pior do que a inicialmente vivenciada. Indígenas adultos completamente imersos nas liturgias cristãs, servindo a um falso profeta, que encontra seu fim, quando, após o velho pajé preparar uma bebida com propriedades alucinógenas, solicita que os fiéis comam da sua carne, em alusão à Eucaristia, ritualística da Igreja Católica para celebrar a morte e ressurreição de Jesus Cristo.

O processo de etnogenocídio indígena abordado no romance se evidencia pelo isolamento de Iñe-e e Juri das outras crianças indígenas também doadas pela tribo Miranha para os homens brancos. Roubaram-lhes a alma, os mataram diversas vezes, na chegada, contaminando e subjugando sua cultura, na partida, com a mentalidade da coisificação eurocentrista (Dussel, 1993), durante a viagem, sem condições sanitárias, em que quase todas as crianças faleceram, restando Iñe-e e Juri, e principalmente, quando se apropriaram de suas histórias, apagando suas vivências, controlando as narrativas, registrando suas percepções sob a ótica colonizadora, divulgando para o mundo, influenciando e construindo ciência a partir de uma deturpação da realidade.



Seu captor, Martius, age acreditando tê-los salvo de uma vida primitiva, sem significado, nem consciência, retirou de um estado de animalidade, estado de natureza (Ingold, 1995), conforme se verifica no trecho “coloca na legenda a menina como pertencente a M. J. do Paco, governador do rio Negro. Para ele não há nome anterior a Isabella Miranha. Para ele, ela não tem história” (Verunsch, 2021).

O mito salvacionista do bom selvagem, conceito utilizado pelos europeus para compor o imaginário coletivo por muitos anos e fundamentar os processos de etnogenocídio indígena é apresentado nas duas obras, evidenciado nas experiências sofridas por Manduca e Juri.

Manduca assume a função amistosa do militante didático, que aceita explicar e ensinar ao seu algoz onde está o erro, contando com a boa vontade, e na esperança de que eles aprendam a respeitar a floresta para que os povos que ali vivem possam continuar a viver. Juri, por sua vez, ao ser introduzido às filhas do rei, estando a sua disposição como boneco, bibelô, tenta se adequar e entrar na brincadeira; posturas que são percebidas por Martius consolidando a sua teoria de que fez o melhor: salvou as crianças da condição de selvageria.

O transitar entre tempos não é algo estranho às obras. Ambas possuem essa característica que auxilia o interlocutor a assimilar como as consequências da ação humana se desdobram por anos, rompendo, de fato, o limiar temporal. As imagens entre passado e presente, ou passado e futuro, evidenciam que livrar só um centro de catequese não é suficiente, nem expulsar um colonizador, ou livrar espíritos presos em uma terra que não é sua. A Tipai uu adverte Uaara Iñe-e ao ser questionada se a ruindade, no futuro, acabaria:

Tu aprende que ruindade não acaba, não acabou com tudo que fizeram antes de mecê vir pro mundo e muito menos com o que fizeram com tu e teus companheiros, (...), nem acaba com o que fizeram com o teu povo ou com os boros, os huitotos, os huni kuins, ganância da Aranha a tomar da vida deles (Verunsch, 2021, p. 93).

A exploração inadvertida de recursos naturais é retratada nas obras, com foco principal ao ciclo da borracha, cuja possibilidade de extração do látex da seringueira levou à escravização e morte de vários indígenas. A película apresenta uma cena em que Karamakate, Martius e Manduca



encontram um ponto de extração, onde um grupo de indígenas foi assassinado, restando um, escravizado, com apenas um braço, para realizar todo o trabalho. Ao se encontrarem, o parente cai de joelhos e lhes suplica pela morte. Manduca não resiste e assim o faz, pondo fim ao tormento do seu parente.

A extração do látex da seringueira contribuiu exponencialmente para o povoamento e desenvolvimento econômico em partes da Amazônia brasileira. Neste suposto desenvolvimento, como nos indica Nego Bispo (2023) em sua obra *A terra dá, a terra quer*, defende uma diferença entre desenvolvimento e envolvimento. Explica que o primeiro é fonte que perpetua desigualdades, fundado em um pensamento sintético, já o segundo, a perspectiva natural de fluidez com o meio, advindo de um pensamento orgânico.

Deve, ainda, ser considerado o preço pago por esse desenvolvimento, supressão de vegetação, exploração e escravização de povos originários, desequilíbrio ambiental nas áreas ocupadas, deixando as portas da floresta abertas para novas formas de exploração desenfreada do capital natural, culminando nos impactantes níveis de desmatamento atualmente sofridos (Miranda et al., 2021; Prates; Bracha, 2011).

Essa lógica exploratória revela a dificuldade de assimilação da natureza enquanto parte integrada não só aos povos tradicionais, mas à humanidade, da nossa condição de interdependência, da inexistência do que hoje chamamos de ética ambiental (Fagioli, 2022) que possibilitou ao colonizador se apropriar inadvertidamente dos ambientes e recursos naturais. Para Krenak:

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista (Krenak, 2019, p. 49).

O homem branco, colonizador, cientista, que aporta na Amazônia, dotado de conhecimento, observa o indígena e o trata como objeto inato de estudo, desconsidera sua humanidade, não concebe sua totalidade enquanto indivíduo. É nesse contexto e pensamento que Evans, no filme, se apresenta à procura da yakruna, planta que o faça sonhar, ele precisa de ajuda e só Karamakate pode lhe mostrar onde encontrá-la. Para garantir o auxílio do pajé, ele mente, dissimula e ao final,



quando não pode mais negar, entrega a verdade, de que além de sonho, os estudos científicos sobre as propriedades da planta permitirão avanços favoráveis para a Guerra.

Em diversas passagens o livro ressalta a chegada do homem branco como marco nas relações dos povos indígenas entre si, acrescentando conflitos entre aldeias, modificando a cultura, a forma de pensar, vestir, se comportar, de se relacionar. É o advento do pensamento homogeneizador monodinâmico, uma cultura, uma religião, um padrão, que subjugou com sucesso, e permanece até hoje, ditando as normas para uma sociedade civilizada. Contra essa lógica desenvolvimentista exploratória europeia, o rugido da onça ainda pode ser ouvido.

Considerações finais

“Empresta-se para Iñe-e essa voz e essa língua, e mesmo essas letras, dispostas umas atrás das outras, como um colar de formigas pelo chão. (...) Assim, se há uma recusa em usar a palavra taxidermia e se escolhe usar a palavra desencantamento, há teimosia nisso. E pode ter certeza de que Iñe-e aprovaria esse recurso. (...). Para contar esta história, Iñe-e adverte que não é possível ser tolerante”
(Verunschik, 2021, p.7)

Subverter a concepção utilitarista na relação com o meio se revela uma problemática filosófica na medida em que o colonizador não se compreende enquanto ator-diretor nessa dinâmica. É urgente questionarmos quão violentos foram os caminhos percorridos na construção do imaginário coletivo a ponto de descolá-lo das consequências de suas ações; ora, teria algum problema explorar os recursos naturais em Terras Indígenas?

É possível traçar um paralelo entre o Ouroboros, a serpente que morde o próprio rabo: é ela a sua criação, destruição e reconstrução, é a eterna possibilidade, o ciclo. Sob o manto do Antropoceno, um monólogo se inicia, e encerra pelo mesmo ator. Um paradigma que precisa ser superado para que o ciclo se mantenha contínuo e não se transforme em linha reta.

Tal qual nas obras apresentadas, o tempo veste um tecido transparente, nos permite enxergar através, além da linearidade, conhecendo o tom que em breve o futuro trará. E esse futuro,



ancestral, já anunciou: a terra dá, a terra quer. O tempo de mudar é agora, antes que ele passe, de colorido à cinza, e em cinzas não seja mais possível ver, ouvir, ou sentir. Como medida de enfrentamento às mudanças climáticas é necessário frear o desenvolvimento, deixando espaço para o envolvimento, para quem cuida da Terra, desde antes de 1500, poder cuidar.

Enquanto uma obra chama atenção para o tráfico de espécies vegetais e exploração dos recursos fornecidos pela floresta, a outra destaca a expropriação cultural na mal sucedida empreitada que objetivava intercambiar as culturas europeias e indígenas de diferentes tribos amazônicas.

O filme apresenta a ideia central do livro: a necessidade de reencantar o mundo. Evans vem em busca de uma planta endêmica para aprender a sonhar. Diz Karamakate “ela é enorme, assustadora, mas não deve ter medo, deve deixar que ela o abrace. O abraço dela vai levá-lo a locais antigos, onde a vida não existe, nem mesmo seu embrião”. *O abraço da serpente* é o reencanto do mundo, traz cor, permite enxergar conexões. Busca e devolve a vida. É disso que precisamos enquanto humanidade, um abraço que nos traga à vida.

Bibliografia

DE OLIVEIRA, Gabriel, et al. Increasing wildfires threaten progress on halting deforestation in Brazilian Amazonia. **Nature Ecology & Evolution**, v. 7, n. 10, p. 1945–1946, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1038/s41559-023-02233-3>. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41559-023-02233-3>. Acesso em: 10 dez. 2023.

DUSSEL, Enrique. **Oito ensaios sobre cultura latino - americana e libertação (1965-1991)**. Tradução de Sandra Trabucco Velenzuela. São Paulo: Paulinas, 1997.

EL ABRAZO DE LA SERPIENTE. Direção: Ciro Guerra. Produção: Cristina Gallego. Distribuidor: Esfera Filmes. Colômbia, Venezuela. 2015.

FAGIOLI, Nicolás Leandro. Notas para uma Nova Filosofia da Terra. Entre a Ética e a Ontologia. **Mediações - Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 27, n. 2, p. 1–13, 2022. DOI: 10.5433/2176-6665.2022v27n2e45048. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/45048>. Acesso em: 31 jul. 2023.

FELTRIN, Tascieli; BATISTA, Natália Lampert; CORRÊA, Guilherme Carlos. Do encobrimento da memória e do outro: uma analítica acerca dos relatos da colonização. **PerCursos**, Florianópolis, v.



22, n. 48, p. 010 - 036, 2021. DOI: 10.5965/1984724622482021010. Disponível em:
<https://periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/18905>. Acesso em: 30 jul. 2023.

INGOLD, Tim. *Humanity and Animality*. Companion Encyclopedia of Anthropology, Londres, Routledge, 1994, p. 14-32. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 28, junho de 1995.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MIRANDA, Renato de Souza et al. ANÁLISE DO DESMATAMENTO NOS PERÍODOS DE 2016 A 2020 NA MESORREGIÃO SUDESTE PARAENSE. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], v. 7, n. 5, p. 498–517, 2021. DOI: 10.51891/rease.v7i5.1209. Disponível em:
<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/1209>. Acesso em: 10 dez. 2023.

NÚÑEZ, Geni. **Nhade ayvu é da cor da terra: perspectivas indígenas guarani sobre etnogenocídio, raça, etnia e branquitude**. 2022. 132 p. Tese (Doutorado). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC, Florianópolis, 2022.

PRATES, Rodolfo Coelho; BACHA, Carlos José Caetano. Os processos de desenvolvimento e desmatamento da Amazônia. **Economia e Sociedade**, v. 20, n. 3, p. 601–636, dez. 2011.

SANTOS, Antônio Bispo. **A terra dá, a terra quer**. 1ª ed. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SILVA, Nathiel de Sousa; et al. Ocorrência de Ondas de Calor com Dados de Reanálises em áreas do Nordeste, Amazônia e Centro-Sudeste do Brasil. **Revista Brasileira De Meteorologia**, v. 37, n. 4, p. 441–451. 2022. DOI: 10.1590/0102-77863740067. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbmet/a/nY4D3kzrPmZhH5zrg3Vvrm/?format=html&lang=pt#>. Acesso em: 31 jul. 2023.

VERUNSCHK, Micheliney. **O som do rugido da onça**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

Recebido em: 01/03/2024

Aceito em: 01/06/2024



[1] Mestrando em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Estadual de Santa Cruz; Graduado em Direito pela Universidade Católica do Salvador; E-mail: viniciusanunesadv@gmail.com.

[2] Doutoranda em Desenvolvimento e Meio Ambiente pela Rede PRODEMA na Universidade Estadual de Santa Cruz; Mestra em Psicologia Social pela Universidade Federal do Sergipe; Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. E-mail: vdanilevicz@gmail.com.

[3] Professora titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz; Graduada em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula; Mestra em Psicologia Clínica e Patológica - Université de Paris V (Rene Descartes); Mestra em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente/PRODEMA pela Universidade Estadual de Santa Cruz; Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: ccprofice@uesc.br.